

Tainá S. COSTA¹

Recebido: 04/04/2024

Aprovado: 07/04/2024

Eram fins de tarde que podiam, sim, ser infindáveis!

Em uma dessas tardes infindáveis, lá estava eu pelas ruas de Breves, pedalando a minha velha bicicleta, sob aquele sol que já nem mais queimava minha pele de tão curtida que ela já estava por ele. Eu me lembro bem. Era agosto. A lembrança deixa um gosto tão agridoce, uma mistura de rio e calmaria, quando me lembro da primeira vez em que a vi, na frente de um restaurante. O sol iluminava os seus olhos castanhos. Ela usava pulseiras de miçangas no pulso – parecia andar sempre com um mosaico. Quando percebi, já conversávamos como velhas amigas. Ela disse que gostava de açaí com açúcar e eu olhei para ela com cara de aversão, mas que tinha um quê de brincadeira.

Depois começamos a sair com nossos amigos. Ela já não era mais uma estranha.

Era um elogio, era um olhar, tapinha no ombro, um toque inocente de suas mãos ...que me faziam sentir tudo o que eu não podia sentir.

Eu morria de medo que ela lesse no fundo do meu olhar o que meus lábios cerrados nunca ousavam dizer. Eu morria de medo que ela soubesse o quanto eu prestava atenção em cada poro do seu rosto. Morria de medo que ela soubesse que seu toque, tão inocente, me fazia entender as histórias nas quais um garoto ama uma garota.

Morria de medo...

E, ao mesmo tempo, lembrava dos meus pais.

Me sentia Icarus e ela como sendo o sol. E queria tanto voar mais alto, mais alto... mais perto do sol. E temia que a cera fosse derretida pelo sol.

Se eu chegasse mais perto, perderia minhas asas.

Temia... Temo. Temo não poder voar nunca mais!

¹ Graduanda em Letras.

COSTA, Tainá S. À tarde, ela. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069